

“Loci Iacobi”

O Caminho de Santiago e a Europa

O Museu de Arte Sacra de Grândola abre as portas, em 5 de Fevereiro, com uma exposição dedicada à mais antiga via de peregrinação europeia. A iniciativa resulta de um projecto pioneiro de colaboração entre Espanha, Portugal e França.

Quando a decadência do império romano, a partir do século V, facilitou a expansão do regime feudal, proliferaram na Europa os poderes descentralizados, a agricultura de subsistência e a economia baseada em trocas directas, quase sem comércio. Durante boa parte da Idade Média, viajar de região em região tornara-se cada vez mais difícil – a não ser quando se obtinha o salvo-conduto da Igreja, a única “internacional” que ficou de pé. Com a anexação da Península Ibérica e de vasta extensão da bacia do Mediterrâneo aos domínios islâmicos, em 711, esta situação ganhou ainda maior complexidade. Uma das raras excepções que permitiam ultrapassar fronteiras, inclusivamente em áreas sob tutela muçulmana, era a peregrinação aos lugares santos.

O Caminho de Santiago, iniciado no século IX, representa a prova viva disto, acabando por contribuir decisivamente para a descoberta de uma unidade europeia face à multiplicação de pequenas soberanias. Ao túmulo do apóstolo Santiago Maior – que a tradição situa em Compostela, exactamente onde depois se lhe edificou a catedral – afluíam peregrinos de toda a Europa, desde a Escandinávia e a Rússia até às Ilhas Britânicas e à Grécia. A passagem destes caminhantes, protegida por leis eclesiásticas e civis, trouxe em muitos sítios a melhoria das infra-estruturas viárias, incluindo pontes, meios náuticos e albergues. Pouco a pouco, o território europeu abriu-se à circulação de pessoas, mercadorias e ideias. Foi um sinal de esperança para as nações divididas.

Ao classificar o Caminho, em 1987, como *Primeiro Itinerário Cultural Europeu*, o Conselho da Europa reconheceu o excepcional papel da peregrinação compostelana na construção de uma identidade comum. Entretanto, o aumento espectacular do número de viandantes oriundos de outras partes do mundo que se verificou nas últimas décadas do século XX viria reforçar a escala internacional do fenómeno jacobeu, assinalada pela UNESCO com a atribuição do título de *Património da Humanidade* ao Caminho em Espanha (1993) e França (1998). Ultimamente está-se a acentuar o pendor para a globalização. São cada vez mais os peregrinos oriundos da Austrália, Brasil, Estados Unidos e Japão.

Na sequência do Ano Santo de 2010, que trouxe à Galiza quase dez milhões de visitantes, ajudando a região a ultrapassar três vezes o PIB de Espanha (a sua economia cresceu 0,6%, enquanto o restante país ficou em 0,2%), as atenções estão focadas numa dinâmica que valorize os aspectos mais autênticos da peregrinação. Entre os objectivos para 2011 conta-se a criação de uma rede europeia de sítios relacionados com o culto de Santiago. O governo galego associou-se para tal a dois pontos-chave da rota jacobea, através de uma intervenção com o apoio do programa de cooperação territorial do Sudoeste Europeu (SUDOE/FEDER). Uma dessas zonas, Le Puy-en-Velay, assinala o arranque da *Via Podiensis*, onde começa o Caminho Francês. A outra região é o Baixo Alentejo, que tem efectuado, desde 1993, grande esforço para reconstituir as vias de peregrinação, suscitando o interesse do Comité Científico do Caminho de Santiago.

Lugares de Santiago

A colaboração entre Espanha, Portugal e França encontra-se patente na exposição “Loci Iacobi – Lugares de Santiago, Lieux de Saint Jacques”, organizada pelos três parceiros do projecto inter-regional com o mesmo nome: a Secretaria Xeral para o Turismo da Galiza, o Departamento do

Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja e a Communauté d'Agglomération du Puy-en-Velay. Abrangendo cerca de três dezenas de obras de arte, da época medieval ao século XXI, a iniciativa parte de uma reflexão acerca das raízes da peregrinação para visitar alguns dos seus espaços privilegiados. Trata-se de um percurso aberto que tem o epicentro na reconstituição virtual da catedral de Compostela. A presença de um fragmento do coro românico desta igreja, esculpido sob a direcção de Mestre Mateo, o autor do Pórtico da Glória, fá-lo ainda mais palpante.

Na escolha dos eixos nucleares da exposição transparece uma empatia muito especial, pondo em confronto a figura histórica de Santiago, que Herodes fez “matar à espada” no ano 43, e os seus tipos lendários – o peregrino e o guerreiro. Sobressaem as interpretações que a tradição artística fez de personalidades tão díspares, embora complementares. Noutro plano, a dimensão profundamente humana da peregrinação revela-se em curiosos testemunhos da religiosidade quotidiana, como as colheres com a imagem do apóstolo, dotadas de bordas afiadas, que podiam substituir a faca para cortar alimentos, ou as jóias talhadas em azeviche, um característico fabrico compostelano, tendo essa mesma imagem em lugar de honra. Entre as obras-primas presentes na exposição sobressaem as vindas do Museo das Peregrinacións, de Compostela, do Musée Crouzatier, de Le Puy, e de igrejas e museus do Alentejo (com realce para Beja, Moura e Santiago do Cacém).

É emocionante ver, lado a lado, conchas de vieira que acompanharam no túmulo peregrinos enterrados em cemitérios medievais da Auvérnia e pinturas de mestres como David Teniers II. Ou uma *Sagrada Família Peregrina* em prata, executada no México durante o período colonial, a pouco distância de uma escultura de Joana Vasconcelos. O desafio de aproximar obras do passado e da vanguarda constitui, de resto, um dos fios condutores da exposição, que deixa velhos preconceitos à porta. *Caminhos de Santiago*, cartoon de Luís Afonso realizado em 2010 para a exposição, dá o mote para isto, mostrando a importância assumida pelo desenho humorístico na arte dos nossos dias. A sua integração dentro de um contexto dominado pelo património sacro não deixa de ser reveladora das metamorfoses ocorridas na maneira de abordar as questões religiosas.

O carácter plural da peregrinação ressalta também numa gigantesca fotografia em diasec (2 m x 2) de Francisco Borba, *Porta do Paraíso*, citação acutilante da parábola da porta estreita, aplicada à denúncia da injustiça social – e da violência que esta faz brotar –, tomando por pano de fundo a célebre porta da catedral compostelana. Exacta como o raciocínio cartesiano, mas imbuída de um sentimento inapelável do “espírito dos lugares”, uma panorâmica do Caminho Francês revela o preciosismo plástico de Arnaud Frich, figura de ponta da actual fotografia francesa. Frich acaba de obter um recorde mundial com a sua imagem de Paris que soma 26 gigapixels, harmonizando mais de 2000 imagens colhidas durante uma sessão fotográfica com duas câmaras reflex montadas sobre uma cabeça motorizada, feita à medida.

Grândola na rota dos peregrinos

Sita num cruzamento de caminhos, Grândola deve a sua origem e o seu florescimento à posição estratégica. Convergem também aqui vários tramos do Caminho de Santiago, em particular o mais conhecido, que vem do Cabo de São Vicente e toca Odemira, Santiago do Cacém e Alcácer do Sal. A terra, outrora com o nome de Bendada, foi importante ponto de apoio aos peregrinos que tinham feito a dura travessia da serra do mesmo nome. Para o seu acolhimento existiu um pequeno hospital quinhentista, a cargo da Misericórdia.

Quando a ermida de São Sebastião foi construída, em pleno século XVI, num arrabalde da vila, junto à estrada real, para proteger a comunidade local da peste, transformou-se de imediato numa referência para quem percorria o Caminho de Santiago e passava à sua beira. Este antigo santuário de romagem, que serviu também para velar os mortos, retomou agora, por iniciativa da paróquia local, em colaboração com a Diocese e o município, uma nova centralidade, hospedando o mais recente pólo da rede museológica da Diocese de Beja.